

A mão que liberta, lidera. Mas, até quando? - 26/09/2021

Mostra o papel fundamental que a mão tem na evolução humana[i]

Situado no arcabouço da filosofia da técnica francesa, Leroi-Gourhan traz uma abordagem antropológica do ser humano em relação à técnica por meio da qual cria objetos ou utiliza o corpo para transformar o meio. Aportando também elementos de biologia e paleontologia, Leroi-Gourhan trabalha o processo evolutivo por meio do elemento técnico, a chamada “hominização”, vista por ele pela relação entre homem, linguagem e técnica, desde o paleolítico até o século XX.

A libertação da mão. Conforme nos mostram os autores, Leroi-Gourhan considera a mão livre como símbolo de nossa evolução e interligado com a tecnicidade, o pensamento e a locomoção bípede. Vê a técnica já nas nossas formas mais primitivas ou, antes, quando os répteis, pelos quatro membros colunares, se afastam do contato com o solo.

Para ele, a humanização se dá pela libertação de mão na locomoção, o que nos diferencia dos macacos e bipedalismo oriundo do endireitamento da coluna vertebral. Antes mesmo do Homo Sapiens, a mão, pela sua atividade criadora, impele o desenvolvimento cerebral e a torna o motor humano.

Corpo e Cérebro. Se a mão, no macaco, por exemplo, tem função locomotora pela oposição do polegar ao resto da mão, quando em posição sentada permite a preensão. Mesmo em humanos, a mão é a primeira ferramenta que, ao deixar de responder às pressões ambientais de menor inteligência, se torna atividade criadora. Ela, então, já não se transforma, sua incidência passa a se dar nos arranjos cerebrais que a comandam.

A análise técnica de Leroi-Gourhan traça o desenvolvimento da espécie desde o peixe até o ser humano em suas variadas transições que perpassam a libertação da água, etc. Leroi-Gourhan, além das habilidades manuais, aborda o gestual nas atividades linguísticas e não vê primado da evolução cerebral sobre o corpo que o cérebro controla.

A linguagem e a libertação da memória. Se a mão é responsável pelo fazer técnico, ela libera a face para a fonação, face essa que já não é utilizada para a defesa. A mão, que lidera face e cérebro, faz com que o último não seja responsável principal pela capacidade técnica, mas a linguagem. É o corpo que

comanda. É pela linguagem que o ser humano transmite o conhecimento técnico e cria sua memória social e responsável por transportar a evolução humana da natureza zoológica para a técnica.

Homo Sapiens: fóssil vivo. A técnica, no Homo Sapiens, dita novo ritmo evolutivo, não mais da zoologia ou biologia, e Leroi-Gourhan aventa que um dia o próprio homem poderá se embarçar com seu corpo herdado do paleolítico. Se o corpo humano evolui tecnicamente em escala geológica, o ritmo do desenvolvimento de utensílios muda mais rapidamente fazendo com que o homem do século XX pareça de outra espécie se comparado ao do XVIII, por exemplo.

Entretanto, se a libertação da mão das atividades locomotoras foi chave na evolução dos homínídeos, com a Revolução Industrial a atividade manual perde em importância. A transformação do ambiente, então, se dá por máquinas e o Homo Sapiens deixa de pensar com a mão e, esse regresso, pode ter consequências no aparelho neuro-motor. Além do mais, com as máquinas ultrapassando o poderio cerebral humano, já seríamos um fóssil vivo dada a atual evolução em que a eletrônica supera as capacidades do córtex cerebral.

Concluimos com os autores dizendo que Leroi-Gourhan traz uma análise antropológica da tecnicidade considerada constitutiva da condição humana, por isso também inquestionável o caráter de Homo Faber que dá origem ao fundamento paleontológico. Todo seu arcabouço analítico influenciou pensadores de destaque, como, entre outros, Deleuze, Simondon, Stiegler e Latour.

* * *

[i] _Filosofia da Tecnologia. Seus autores e seus problemas_. Organização de Jelson Oliveira e prefácio de Ivan Domingues, resultado da iniciativa do GT de Filosofia da Tecnologia da ANPOF. Caxias do Sul, RS: Educs, 2020. Conforme capítulo 19, _A mão, o cérebro, a técnica e a evolução_ – André Leroi-Gourhan, por Luís Hernandes Matos Leite e Luiz Henrique de Lacerda Abrahão.